

O FENÔMENO BOLSONARO: BREVES NOTAS SOBRE AS DIFÍCEIS LIÇÕES DE UMA DEMOCRACIA EM MOVIMENTO

Luiz Fábio S. Paiva

Resumo

O artigo oferece uma reflexão sobre ações políticas e pedagógicas que estão transformando as relações sociais e, portanto, a dinâmica de uma sociedade democrática, no Brasil. O caráter do trabalho é compreensivo e se debruça sobre fenômenos exaustivamente conhecidos e disseminados pela imprensa e nas redes sociais. Sua fundamentação teórica parte da ideia de que a ação política, em uma república, tem como objetivo construir relações de convivialidade entre pessoas de visões de mundo distintas. Busca entender os efeitos políticos dos eventos que possibilitaram a eleição do Presidente Jair Messias Bolsonaro, considerando os seguintes aspectos: a) as condições sociais que permitiram a ascensão de um político conservador; b) a qualidade do pleito de 2018 e sua peculiaridade de não apresentar projetos de governo e debates sobre o assunto; c) a existência de um modelo de político conservador, voluntarioso e personalista que, em tese, para vencer, precisou criar estratégias para manter a sociedade tensionada permanentemente. Observa que, em seus primeiros dias, o governo eleito em 2018 sofre para administrar as ambições de políticos que veem a trajetória de Jair Bolsonaro como um modelo de ação política. Conclui que as contradições e as ações desastrosas dos primeiros dias de governo Bolsonaro deixam lições importantes para a sociedade brasileira.

Palavras-chave: Democracia. Ação Política. Nova Direita. Lutas Políticas.

Início este artigo a partir do pressuposto de que, no Brasil, estamos desaprendendo¹⁹ a conviver e compartilhar instâncias de poder com respeito às diferenças. Se for possível considerar, seriamente, a perspectiva de Hannah Arendt (2018) sobre a política como ação fundamentada na pluralidade entre membros de uma comunidade política e sua capacidade de conviver com as diferenças, é possível afirmar que o Brasil vive uma tragédia. O advento do que se convencionou chamar de “nova direita” não parece indicar uma mudança positiva nos caminhos de uma democracia mais plural. A radicalização, o voluntarismo, a criminalização da ação política e o empobrecimento do debate sobre políticas públicas, nas eleições de 2018, dão claros sinais do esgotamento vivenciado pelo modelo que se convencionou chamar “presidencialismo de coalizão”, em que o Presidente para

¹⁹ Não sei se esse aprendizado de convivência democrática se consolidou, mas irei insistir, propositalmente, na tese de que estamos desaprendendo a ter uma vida em comum, com o advento do que irei apresentar com uma vontade política voluntariosa e egocêntrica.

garantir a governabilidade busca a gestão de alianças com outros partidos como forma de garantir a “governabilidade” (AVRITZER, 2016).

Não digo isso embasado em uma análise cuidadosa de indicadores sobre a qualidade da nossa democracia, mas em suspeitas que gostaria de compartilhar. De antemão, aviso aos leitores que as reflexões apresentadas neste ensaio são provisórias e precárias. Espero, no entanto, que ajudem futuros cientistas sociais a encontrar objetos e problemas para futuras pesquisas. Não tratarei de maneira exaustiva de vários aspectos do que se convencionou chamar “ascensão de uma nova direita brasileira”²⁰. Concentrar-me-ei em três dimensões que julgo fundamentais para entender os efeitos políticos dos eventos que possibilitaram a eleição do Presidente Jair Messias Bolsonaro. Primeiro, as condições sociais que permitiram a ascensão de um político conservador como ícone de segmentos plurais e articulados no espectro político conhecido como “direita”²¹. Segundo, a qualidade do pleito de 2018 e sua peculiaridade de não apresentar projetos de governo e debates sobre as visões divergentes que disputavam a presidência da república. Terceiro, a existência de um modelo de político conservador, voluntarioso e personalista que, em tese, para existir, precisa criar estratégias de manter a sociedade tensionada permanentemente.

1. Ascensão da direita

Não estou certo se a ideia de “direita” serve para definir as convergências entre grupos que, em sua constituição, não compartilham dos mesmos ideais. Em torno da eleição de Bolsonaro, acredito que existem, inclusive, pessoas e grupos que não divergem, conceitualmente, de valores que compõem governos de centro ou mesmo de esquerda. São pessoas que querem ter direitos trabalhistas, gozar de acesso ao ensino público, gratuito e de qualidade e ainda usufruir do Sistema Único de Saúde (SUS), pagando mais barato por medicamentos isentos de impostos. Ao mesmo tempo, essas pessoas desejam mudanças, sobretudo, na permissividade de

²⁰ O uso da expressão é comum na imprensa brasileira e foi estudado por pesquisadores que se debruçaram sobre movimentos sociais e partidos vinculados a ideias conservadoras e liberais (VELASCO e CRUZ, S., KAYSEL, A., CODAS, G., 2015).

²¹ Castles e Mair (1984) analisaram os julgamentos relativos às escolhas de partidos e governos associados ao que se convencionou chamar de direita e esquerda nas democracias consolidadas.

esquemas de corrupção que proliferaram após as eleições de 1989. Para esses cidadãos, os últimos anos de administração do Partido dos Trabalhadores (PT) ajudaram a fazer esses esquemas prosperarem até atingirem um patamar inaceitável. São eleitores que poucos estavam interessados em valores liberais ou conservadores, mas votaram na descontinuidade do que entenderam como um projeto de poder que deveria ser superado²². O “antipetismo” se transformou em um sentimento de forte apelo moral e político cujas consequências ainda precisam ser, cuidadosamente, estudadas.

Obviamente, o antipetismo não foi o único combustível da “onda Bolsonaro”. Partidos como Democratas (DEM) e setores do Partido Social Democrata Brasileiro (PSDB) incentivaram o voto em Bolsonaro. Ao lado deles, estavam monarquistas que desejam a restituição da família imperial brasileira e pessoas que passaram os últimos anos exigindo, na porta dos quartéis, uma intervenção militar. Juntaram-se ao movimento, também, os novos movimentos liberais, com suas bases ideológicas vinculadas à visão da Escola Austríaca de Economia (FEIJÓ, 2000). Vários movimentos anticorrupção, grupos vinculados à segurança pública e segmentos da igreja evangélica ajudaram a engrossar as frentes bolsonaristas. O segmento evangélico, inclusive, foi mobilizado por ideias curiosas e abstratas como a luta contra a “ideologia de gênero” e o “marxismo cultural”, conceitos desprovidos de refinamento e que permitem interpretações ao gosto do cliente. Tornou-se comum usá-los contra qualquer indivíduo e grupo que apresente divergência e, conseqüentemente, represente ameaça às forças políticas que convergiram para “eleger Bolsonaro para mudar tudo isso que está aí”.

A força de Bolsonaro esteve na sua capacidade, ou sorte, de canalizar o sentimento antissistema que, em linhas gerais, dominou as redes sociais e prosperou graças à convergência de vários movimentos para a ideia de mudança. Um dos momentos ilustrativos do ganho de capital político de Bolsonaro se deu ainda em 2016, na época das manifestações pelo impedimento de Dilma Rousseff. No dia 12 de março de 2016, em São Paulo, Aécio Neves e Geraldo Alckmin tentaram subir no caminhão do Movimento Brasil Livre (MBL) para falar a milhares de pessoas em uma das manifestações contra Dilma. Os dois candidatos foram

²² Não explorarei, em virtude dos limites deste escrito, o problema mundial de expansão da direita, sobretudo, em sua faceta populista e conservadora como demonstram reflexões de Michel Lowy (2015), analisando os casos brasileiro e europeu, e Robert Singh (2017), sobre populismo e ascensão de Donald Trump, entre outros.

impedidos e hostilizados pela população. No mesmo dia, Bolsonaro discursou do alto de um carro de som, em Brasília, e ouviu da multidão os gritos de “mito, mito, mito”. A contradição entre essas duas cenas revelou que as eleições de 2018 não seriam pautadas pela polarização entre PT e PSDB, com um candidato que surgiu como subalterno e foi de maneira voluntariosa ganhando status de protagonista.

E como Bolsonaro se tornou uma opção em detrimento de Aécio e Alckmin? Entre vários fatores, aponto o esforço competente e insistente de uma militância engajada e comprometida em valorizar as “mitadas” (sic) de seu candidato e criar uma linguagem acessível através de mensagens e *memes* de Internet²³. Em vinte e sete anos de trabalho como Parlamentar, Bolsonaro não se destacou pela qualidade e empenho no desenvolvimento de projetos que melhorassem de maneira significativa a vida de brasileiros. Por outro lado, tornou-se amplamente conhecido do grande público por fazer um contraponto voluntarioso ao sistema, ao *status quo*, à esquerda “comunista” e ao governo do PT. Uma rede de influenciadores o ajudou a desmontar atitudes machistas e preconceituosas, trabalhando na ideia de que Bolsonaro é espontâneo e não tem “papas na língua”. Essa rede trabalhou para legitimar sua candidatura como a única opção para “tudo isso que está aí”²⁴. Quando o sentimento antissistema cresceu, Bolsonaro já estava pronto, com uma rede de apoiadores que trabalharam na popularização de sua visão de sociedade. A tentativa de outros políticos embarcarem na onda conservadora foi tardia diante de “um autêntico representante da direita”, que lutou, por anos, sozinho contra o domínio “comunista”.

Influenciadores digitais ajudaram a tornar Bolsonaro uma figura não apenas palatável, mas como a única opção que os brasileiros tinham para realmente mudar a conjuntura política de um país traduzido, nas redes sociais dessas pessoas, como “terra arrasada pela corrupção”. Quando a eleição de 2018 começou para os candidatos de partidos como PT e PSDB, Bolsonaro já estava muito a frente, com

²³ “Mitar” se refere à ideia de mito e funciona como uma gíria que representa algo exemplar. O termo se tornou popular na Internet. O “meme” é um conceito para imagens e vídeos tipo *Graphics Interchange Format* (GIF) relacionados a humor. Andrew Ross e Damian Rivers (2017) estudaram as características visuais-discursivas dos memes nas eleições presidências dos EUA, em 2016.

²⁴ Dado o propósito deste texto – e do dossiê, de modo geral – os organizadores optam por manter o tom ensaístico dos autores, mesmo que isso vá de encontro, por vezes, às práticas acadêmicas de praxe. Nesse sentido, entendemos que dadas expressões empregadas ao longo deste dossiê, em que pesem serem expressões coloquiais e passíveis, elas mesmas, de maior reflexão sociológica, funcionam também como registro histórico das angústias de nosso tempo. Esperamos poder contar, assim, com a indulgência dos leitores, editores e pareceristas da *Somanlu*. (Nota dos organizadores do Dossiê).

uma rede de apoiadores motivados e trabalhando ativamente em várias frentes, há pelo menos três anos. Enquanto analistas políticos o consideravam um candidato que estaria derrotado no segundo turno, a militância atuava nas redes sociais desqualificando a imprensa e os “especialistas”. Ao final, por muito pouco, a vitória de Bolsonaro não se deu ainda no primeiro turno. Ademais, o efeito Bolsonaro impulsionou a formação de um congresso mais conservador em virtude da eleição de vários candidatos ligados à agenda proposta pelo então candidato à presidência da república.

2. Eleição sem projeto, sem debate

As eleições de 2018 ainda serão lembradas como um capítulo marcante da história das democracias no mundo. O embate, em tese, continuou polarizado entre esquerda e direita. O problema foi em relação à interpretação do que realmente pode ser considerado como um partido de direita. Historicamente, o PSDB representava as forças liberais, neoliberais e conservadoras da sociedade brasileira, adotando discurso social democrata que, *grosso modo*, parecia mais aceitável à população brasileira em razão dos problemas sociais e do quadro de grave desigualdade social que assola o país²⁵. Durante essas eleições, no entanto, a engenharia política feita em torno de Bolsonaro, o fez parecer o único representante do campo da direita, deslocando o PSDB para o mesmo campo dos “comunistas”, à esquerda. A eficiência dessa movimentação foi determinante para que Alckmin tivesse sua campanha esvaziada de apoio popular que, em outras situações, foi depositado na conta do PSDB.

Outro elemento importante foi a qualidade da campanha. É verdade que não foi a primeira eleição em que o PT enfrentou o slogan “a nossa bandeira jamais será vermelha”. Também, não foi a primeira vez que prevaleceu o apelo às emoções e à moral dos eleitores em detrimento de problemas reais e soluções plausíveis²⁶. Esses discursos e apelações já existiam em outras eleições, mas se tornaram emblemáticas e, praticamente, foram as únicas estratégias argumentativas que se viram ao longo dos meses de campanha. Bolsonaro se apresentou como candidato

²⁵ Celso Roma (2002) analisa os aspectos pragmáticos e ideológicos que constituíram o *modus operandi* do PSDB.

²⁶ Ilrlys Barreira (2006) analisou como os atos de campanha articulam relações de proximidade entre o que se nomeia de política e os eleitores a partir de trabalhos etnográficos feitos em tempos de eleições.

para combater o “comunismo”, no Brasil, o que era, supostamente, um projeto do Foro de São Paulo e que estava em curso. Para seus apoiadores, a população brasileira estava sendo cozinhada em banho-maria e, se uma mudança radical nos rumos da nação não acontecesse, o Brasil se transformaria em um país como Cuba e Venezuela. O que parecia uma caricatura para desconstruir os adversários se mostrou uma convicção tão enraizada na cabeça do presidente eleito que, em seu discurso de posse, decretou que “o socialismo acabou no Brasil” após sua eleição.

Em um programa repleto de abstrações, as únicas propostas apresentadas por Bolsonaro pareciam abranger tudo ao mesmo tempo em que não diziam nada claramente. Diante da falta de conhecimento de temas econômicos, Bolsonaro se limitou, ao longo de toda a campanha, a apontar o economista liberal Paulo Guedes, doutor em economia pela Universidade de Chicago, como seu “posto Ipiranga”²⁷. Adepto de políticas liberais ligadas ao grupo conhecido por *Chicago Boys* e aplicadas na economia do Chile²⁸, Guedes foi apresentado como alguém que guardava todas as soluções que Bolsonaro não conhecia para o futuro do Brasil. A união deu sentido ao slogan que fomentou a união de liberais e conservadores, qual seja “liberais na economia e conservadores nos costumes”. A fórmula repetia a mesma lógica de abrangência, mas sem esclarecer exatamente o que significa uma coisa e outra. Assim, surgiu um eleitor extremamente útil à empreitada de Bolsonaro, o que vota no candidato, mas não concorda integralmente com suas ideias. A variação desse eleitor foi um outro tipo, o que votou em Bolsonaro sem acreditar que ele adotaria medidas como a reforma da previdência, privatizações e até o fim de direitos trabalhistas como férias e décimo terceiro salário. Esses eleitores votaram sem entender ao certo o que significava a carteira verde e amarela, uma proposta em que novos trabalhadores poderiam abrir mão de “direitos” tratados como “benefícios” mediante acordos. Apesar de Paulo Guedes falar da importância de privatizações e da reforma da previdência, os programas para tais fins também não foram elaborados e apresentados à população até o fim da campanha.

²⁷ Referência a um comercial de televisão em que um senhor indica o Posto Ipiranga como o lugar que dispõe de serviços requisitados por viajantes que o consultam.

²⁸ Os “meninos de Chicago” se refere ao grupo de economistas chilenos que foram pioneiros em reformas liberais, na América Latina, no período ditatorial de Pinochet. A pesquisa de Valerie Brender (2010) analisa o trabalho dos *Chicago Boys* na economia e política chilena.

Enquanto Bolsonaro calibrava o discurso ideológico, fazendo menção a “metralhar a petralhada”²⁹ (sic), o PT e o PSDB apostaram suas fichas em campanhas tradicionais e acreditaram que a televisão mudaria, radicalmente, as tendências pré-campanha eleitoral. Acreditaram, piamente, que os candidatos tradicionais, mais bem preparados e habituados às dinâmicas de campanhas para o executivo, desconstruiriam Bolsonaro, sobretudo, nos debates televisivos. Adélio Bispo de Oliveira, no entanto, enterrou as esperanças dos demais candidatos. Adélio deu uma facada em Bolsonaro em um evento realizado na cidade de Juiz de Fora (MG), no dia seis de setembro de 2018. A ação de Adélio transformou um País inteiro em refém de um crime. O ataque à vida de Bolsonaro mudou, em definitivo, a história do pleito, e candidatos como Fernando Haddad, Geraldo Alckmin, Ciro Gomes e Marina Silva não tiveram a oportunidade tão esperada de debater com Bolsonaro às vésperas da eleição. Aos candidatos remanescentes restaram tímidos posicionamentos contrários ao que Bolsonaro representava, sem que nenhum o atacasse profundamente em função dos constrangimentos causados por seu estado clínico. Não foi à toa que Flávio Bolsonaro decretou o fim do pleito e a eleição de Bolsonaro.

"Ele está mais forte do que nunca, consciente, conversando, bem humorado. Um recado para esses bandidos que tentaram arruinar a vida de um cara que é um pai de família, **que é esperança para todos os brasileiros: vocês acabaram de eleger o presidente, vai ser no primeiro turno**". (REV. FÓRUM, 2018).

A crença de que Bolsonaro representava a mudança e a esperança do povo brasileiro se consolidou. No dia da eleição, restava apenas saber se Bolsonaro se elegeria ou não no primeiro turno. Fernando Haddad foi para o segundo turno sendo a esperança dos que se opunham ao que Bolsonaro representava. Artistas, intelectuais e movimentos sociais vinculados ao campo da esquerda se mobilizaram, tardiamente, para tentar ocupar o espaço deixado na rede mundial de computadores através de manifestos como a campanha “Ele não”. Outro fato, no entanto, foi a incapacidade de Haddad criar uma suposta frente progressista da esquerda ao

²⁹ Supostamente, o termo “petralhada” se refere aos militantes do PT, mas seu uso indiscriminado pelos bolsonaristas sugere que o termo serve para todas as pessoas que se enquadram no espectro da esquerda. A menção a “metralhar a petralhada” aconteceu no Estado do Acre em evento amplamente disseminado pela Internet.

centro, inclusive, com segmentos moderados na direita brasileira. As manifestações de Ciro Gomes, logo após a derrota, deixaram evidente que Bolsonaro não enfrentaria uma frente progressista, mas apenas um candidato do PT, desconhecido da grande maioria da população brasileira, desprovido de carisma e com o fardo de carregar quatorze anos de exercício do poder que terminaram com a amarga prisão do Presidente Lula. Assim, Bolsonaro venceu sem apresentar projeto, sem participar de debates e deixando como legado um modelo de fazer política que ainda prejudicará, seriamente, a população brasileira.

3. O jeito Jair Bolsonaro de fazer política

Nesta última parte do texto, recorro aos ensinamentos de Max Weber (2000) sobre os tipos ideais para traçar algumas considerações sobre as características que compõem o jeito de fazer política do homem público conhecido como Jair Bolsonaro. Obviamente, trata-se um exercício de imaginação sociológica feita com base em leituras assistemáticas da realidade e refutáveis por meio de outras leituras e pontos de vista decorrentes de esforços de pesquisa mais abrangentes. O primeiro aspecto que destaco é o surgimento de um herói nacional dotado de caráter imaculado, incorruptível e, portanto, honesto. Bolsonaro levou a sua reputação e história de não envolvimento em grandes esquemas de corrupção tão a sério que não pareceu constrangido ao afirmar, inúmeras vezes, que apesar de não entender de economia e gestão de políticas públicas, era honesto. Não ser enquadrado como um político corrupto se tornou mais importante, durante a campanha, do que qualquer demonstração de um mínimo de competência para governar, restando ao público se conformar com a ideia de que alguém, para governar com decência, só precisa de honestidade. A ideia foi extraordinariamente suficiente e absorvida pelo público que reproduziu imagens do candidato com frases que diziam o seguinte: “chamam de fascista, machista e homofóbico porque não podem chamar de corrupto”. O efeito simbólico dessa imagem garantiu a Bolsonaro a confiança de milhares de pessoas que esqueceram ou ignoraram suas deficiências, crendo que um homem honesto poderia fazer a diferença.

Outra característica importante de Bolsonaro foi a sua espontaneidade e, no meu entendimento, certo culto à ignorância como maneira de fazer política. Bolsonaro pareceu sempre pouco afeito à verdade. Em entrevista ao Programa

Roda Viva, disse que tinha “uns quinhentos projetos” e foi corrigido por um jornalista, que rebateu o então candidato à presidência, respondendo que eram apenas cento e setenta e dois projetos em vinte e sete anos de trabalho como deputado. Bolsonaro simplesmente respondeu: “que seja”. A sua crítica ao que entende como “politicamente correto” encontrou eco na sociedade brasileira, sobretudo, em redutos alijados do debate público e constrangidos em razão de posicionamentos julgados moralmente repulsivos por segmentos que compõem o campo da esquerda. Bolsonaro tomou para si algo que até então, no debate público, parecia imoral, homenageando, no plenário da Câmara, um torturador como herói nacional durante sua manifestação de voto para impedimento da presidente Dilma³⁰. Creio que seus adversários esperavam uma derrocada de sua imagem pública após tamanho absurdo. Isso não apenas não aconteceu como garantiu a ele o afeto de pessoas que guardam uma memória positiva do regime militar. Aos poucos, falas antigas suas defendendo a ditadura militar e práticas de tortura foram transformadas no discurso de um homem sério, cumpridor dos seus deveres cívicos e que ama sua pátria mais do que tudo.

Obviamente que nenhum grande herói emerge sem grandes vilões. Outra característica importante do candidato foi sua dedicação em cultivar inimigos situados no campo da esquerda. Ao final do ano de 2010, quando Lula deixava a presidência da República com índices altíssimos de aprovação, o discurso antipetista não tinha a menor condição de prosperar em uma campanha para a presidência. Era preciso primeiro reconhecer os méritos do PT para depois apontar erros, desvios e coisas que poderiam ser ainda melhores. Em 2010, creio que nem mesmo Bolsonaro era antipetista. Contudo, suas manifestações na Câmara contra adversários políticos do campo da esquerda ajudaram a construir a ideia de que ele era o único adversário real do PT. Seu vídeo de 2003, ofendendo a deputada Maria do Rosário, em uma clara manifestação machista de incitação ao estupro, ajudou na construção da ideia de que ele sempre foi o grande opositor ao PT desde o início. Seus ataques aos movimentos LGBT também ajudaram Bolsonaro a construir a ideia de defensor da família tradicional, da moral e dos bons costumes, com posturas agressivas e preconceituosas que o tornaram popular na Internet graças a

³⁰ O então Bolsonaro, ao declarar seu voto pelo impedimento de Dilma, saudou o General Carlos Alberto Brilhante Ustra. Em seu currículo, o General é acusado de ser um dos mais cruéis torturadores do período militar.

grupos que positivaram o seu comportamento “opressor”³¹. Tudo isso era tratado como manifestações altivas de quem “não tem preconceitos”, mas atua na defesa de crianças, contra o avanço das “ideologias de gênero” e a “ditadura gayzista”.

Quando o PT enfraqueceu, proliferaram grupos na Internet chamando atenção para as ideias do escritor e polemista Olavo de Carvalho³². Salvo o engano, antes mesmo de se conhecerem, dezenas de grupos, nas redes sociais, já faziam associação entre as “mitadas” de um e outro. Ambos reconheceram afinidades e perceberem o rendimento político dessa associação; assim, Bolsonaro se tornou o candidato de Olavo e de seus alunos. Algumas leituras atribuem a eleição de Bolsonaro ao trabalho de Olavo. É inegável que Olavo de Carvalho conquistou um público cioso de seus textos e manifestações da Internet, mas é exagerado acreditar que a popularidade de Bolsonaro se deve aos livros e cursos de Olavo. Na verdade, o fato de Bolsonaro indicar Olavo como um intelectual que o influencia ajudou a proliferação das ideias do escritor e polemista brasileiro. Contudo, foi mais um casamento de sucesso, pois Olavo e seus alunos construíram uma rede abrangente e útil à campanha eleitoral de Bolsonaro, criando ideias que obtiveram algum êxito eleitoral. A mais popular foi a de que existe uma conspiração “comunista” para destruir os princípios que regem a sociedade ocidental, sobretudo, a família nuclear cristã. A adesão de evangélicos a essa ideia também foi um elemento fundamental para fazer crer que Bolsonaro era o homem certo para frear esse processo, inclusive, nas escolas e universidades, supostamente, “dominadas pela hegemonia das esquerdas em seus quadros” (sic).

Não existiria Bolsonaro também sem sua energia gasta no debate sobre segurança pública no Brasil. Na prática, suas análises e propostas para esse campo nunca representaram mudança ou ajudaram governos a construir melhorias no sistema de segurança pública brasileiro. Bolsonaro, no entanto, conseguiu capitanear apoios de operadores de segurança pública exaltando as forças de segurança sem qualquer reparo a casos e situações de desvio de conduta que

³¹ Os grupos de direita costumam usar o termo “opressor” como contraponto às posturas críticas de seus adversários que, no campo da esquerda, lutam pelos direitos de minorias e contra a violação de direitos de sujeitos marginalizados e que ocupam posições subalternas, na sociedade brasileira. É uma forma, também, de reforçar sua identidade como sujeitos políticos que, em linhas gerais, lutam por uma sociedade conservadora e centrada na autoridade de um líder capaz de impor seu mando. Trata-se ainda de uma maneira de agredir, desmoralizar e ironizar as posições de seus adversários.

³² Olavo de Carvalho é autor do livro “O Mínimo que Você Precisa Saber para Não Ser um Idiota”, considerado por Bolsonaro e seus filhos uma leitura correspondente a sua visão de mundo.

marcam a história de instituições policiais no Brasil. Para ele, os “bandidos” mereciam ser submetidos a todo e qualquer tipo de castigo, independentemente de isso ferir as legislações vigentes. Adepto do populismo punitivo³³, Bolsonaro chegou a defender o excludente de ilicitude sempre que o policial atuar em prol da sua segurança e das “pessoas de bem”. Ao ser questionado sobre a situação das cadeias, respondeu que “basta a pessoa não cometer crimes que não vai para prisão”. Insistiu na popular ideia de que “bandido bom é bandido morto”. Defendeu-se das acusações de incitar o estupro, como no caso das ofensas proferidas a Maria do Rosário, alegando ter submetido projeto de castração química de estupradores. Creio que a deterioração da segurança pública, em praticamente todo território nacional, catapultou mais do que qualquer outra coisa a candidatura de Bolsonaro. Nesse aspecto, a sua falta de experiência, na administração pública de cidades e estados, foi uma vantagem importante diante de candidatos como Alckmin e Haddad. Ambos, puderam ser associados a fracassos administrativos em gestões anteriores suas e de seus partidos na área de segurança pública. Penso que, qualquer análise sobre a ascensão da direita, no Brasil, precisa considerar o cansaço da população em relação aos crimes violentos que compõem as rotinas das cidades brasileiras.

Não resta dúvida que apesar dos elos e alianças, o carisma de Bolsonaro³⁴ também se deve a um voluntarismo baseado em uma ignorância que produz simpatia em diversos segmentos da população brasileira. Aqui, gostaria de afirmar algo que peço ao leitor que interprete com muita cautela. Em alguns aspectos, o carisma de Bolsonaro guarda semelhanças com características presentes no Presidente Lula. É o homem, na visão de seus eleitores, talhado para grandes feitos e com capacidade para administrar diferenças e fazer o que é necessário para salvar o país. Apesar de serem personalidades políticas absolutamente distintas, o reconhecimento social que recai sobre suas figuras guarda uma dimensão voluntariosa que permite que eles falem como sujeitos independentes do grupo que representam. Isso é um fato notório quando analisamos as pesquisas eleitorais e é

³³ André Gaio (2011) analisou aspecto do populismo penal ou punitivo, no Brasil, enquanto Maxímo Sozzo (2009) apresentou como esse fenômeno prosperou na Argentina.

³⁴ Penso que Bolsonaro pode ser compreendido como um líder carismático, no sentido clássico atribuído por Weber (2000), pois seus seguidores/eleitores acreditam na sua capacidade especial de congregar os valores e as forças liberais e conservadoras atuantes no Brasil. Obviamente, é preciso, em futuras pesquisas, refletir sobre como isso foi possível e o papel das redes sociais na construção do seu capital político.

possível observar que Lula venceria o pleito apesar do antipetismo. Bolsonaro atuou, nos últimos anos, como um político voluntarioso, que fez as alianças certas, mas é o dono da última palavra e das decisões fundamentais que irão afetar o destino de milhões de brasileiros. Até poucos dias antes da eleição, Bolsonaro não tinha partido e creio que poderia vencer sem um, assim como Lula.

É importante destacar que não acredito que as características que aponte encerram o debate ou apontam as questões fundamentais que permitiram a ascensão de Bolsonaro ao poder. São pontos que acredito serem relevantes para o debate e, que precisam ser considerados ao longo do processo de transformação do candidato em governante. A minha ideia é a de que o jeito de fazer política de Bolsonaro conseguiu prosperar muito bem, mas não tem como sustentar um governo. Isso explica, por exemplo, a enorme dificuldade do presidente em ser realmente presidente, não só formalmente, e mudar seu discurso. Esperava-se de Bolsonaro um aceno para iniciar sua gestão, conclamando todas as frentes para contribuir com os tais “remédios amargos”, entre os quais está a reforma da previdência. No entanto, até meados do mês de fevereiro de 2019, Bolsonaro continuou seguindo o seu jeito de fazer política, atacando a “esquerda comunista”. No dia 06 de fevereiro de 2019, em meio a grandes expectativas em relação ao anúncio das medidas para reforma da Previdência, Bolsonaro postou em sua página do *Facebook*, seu principal canal de comunicação com a população, um vídeo de estudantes em uma festa de formatura abrindo um cartaz que dizia o seguinte: “facistas, racistas, machistas e homofóbicos não passarão!”. Os estudantes dançavam sob o som de uma versão funk da música “Bella Ciao”, com a letra do refrão original substituída por “Ele não”. Sobre o vídeo, o presidente disse o seguinte:

A doutrinação ideológica nas instituições de ensino forma militantes políticos e não cidadãos com bom senso e preparados para o mercado de trabalho. É preciso quebrar essa espinha para o futuro saudável do Brasil. Tire suas conclusões... mais uma vez:

Ficou claro, nos primeiros dias de governo, que a aposta de Bolsonaro é em continuar mobilizando seu eleitorado por meio do enfrentamento aos seus “inimigos”, apresentados como inimigos do bem-estar da população brasileira. Assim, quarenta dias depois de iniciado o seu governo, a única ação concreta apresentada por ele foi

um pacote de medidas do Ministro Sérgio Moro para mudanças na legislação penal. Outras pautas importantes para o Presidente foram anunciadas, mas o governo foi capturado pela “missão” de aprovar a impopular reforma da previdência antes de qualquer outra medida. Consciente do que a reforma da previdência representa para sua imagem, Bolsonaro tentou manter uma postura alheia aos movimentos necessários para a aprovação da medida, sofrendo diversos constrangimentos e contragolpes para se engajar no processo de conquista de votos para fazer a reforma elaborada pelo seu Ministro da Economia, Paulo Guedes. Os efeitos sociais e como tudo isso vai acontecer ainda é uma incógnita.

4. Considerações finais

Apresentei uma rápida reflexão em torno de um processo ainda a se desvendar e compreender a partir de pesquisas demoradas, adequadas e cuidadosamente conduzidas. A minha contribuição consiste na ideia de observar o surgimento de um jeito Bolsonaro de fazer política. Muitas das práticas de Bolsonaro já faziam parte do repertório político brasileiro. A novidade é que o que era peculiar se tornou a maneira de fazer política vencedora de um pleito para a Presidência da República. O êxito desse jeito de fazer política pode ser observado não apenas na vitória de Bolsonaro como no comportamento de seus correligionários do Partido Social Liberal (PSL). A legenda se tornou o abrigo de novos políticos inspirados no modelo voluntarioso de Bolsonaro, tornando extremamente difícil a vida do próprio presidente eleito, pois ele terá que contar com cada um dos que ajudou a eleger para construir ações de governo. Muitas figuras voluntariosas e performáticas foram fundamentais para a eleição do atual presidente, mas o início dos trabalhos, na Câmara e no Senado, demonstrou que a gestão deve enfrentar problemas sérios para construir uma base aliada.

Antes mesmo da campanha, deputados do PSL discutiam quem seria o político de esquerda da cota pessoal de cada um. Segundo a deputada federal Joice Hasselmann, “Temos uma pré-divisão, sim, uma cota pessoal. A gente meio que está dividindo os nomes da oposição com os nossos nomes de cá de enfrentamento” (O ANATAGONISTA, 2019). A ideia, basicamente, repete a fórmula adotada por Bolsonaro para garantir seu capital político. Soma-se, ao enfrentamento com políticos de esquerda, a estratégia de escandalizar a opinião pública com cenas

pitorescas e debates sobre os costumes. Bolsonaro chegou a denunciar o “Kit Gay” que nunca existiu, insistindo em atribuir aos seus adversários a autoria de iniciativas que visavam destruir a infância. Joice Hasselmann se mostrou à altura da capacidade de escandalizar, subindo, com algemas, ao púlpito da Câmara dos Deputados, alegando que daria voz de prisão para os que fizessem *lobby* sujo, pressão ou tentativa de propina em seu gabinete. Ademais, outros parlamentares trataram de alimentar suas redes sociais com suas “mitadas”, não oferecendo nenhuma proposta séria de apreciação de políticas públicas que promovam um maior bem-estar da população brasileira. Os combatentes insólitos do “comunismo brasileiro” ganharam vários seguidores, mas não é possível saber como irão se comportar ao ter que tratar de problemas reais de uma sociedade capitalista.

Em suma, não é necessário ser crítico ou opositor do governo para acreditar que os elementos que ajudaram a Bolsonaro a vencer o pleito não serão úteis para ele governar, mesmo ele insistindo na sua estratégia. Do meu ponto de vista, o sucesso do governo depende, fundamentalmente, das qualidades que ele não dispõe, mas que poderá aprender ao longo do caminho. Possivelmente, sua base aliada não tem as condições mínimas de conduzir processos importantes, e isso é possível ver pelas dificuldades do líder do governo na Câmara, Deputado Major Vitor Hugo. Sem um grande bloco de oposição a ser vencido, a maior dificuldade do Major consiste em ter prominência dentro do seu próprio partido, repleto de outros sujeitos reclamando para si maior visibilidade. Ao longo da sua história, Bolsonaro foi um político voluntarioso, autônomo e independente, comprometido com o seu eleitorado e capaz de constranger seus colegas de partido dependendo da circunstância. Está no PSL como poderia estar em qualquer outra legenda. O problema para Bolsonaro agora é simples, não é possível governar políticos que atuam como ele e, muito menos, administrar as ambições de quem deseja ser o “novo Bolsonaro”. Ao final, creio que a população irá aprender muito sobre política e espero, sinceramente, que o modelo vencedor do pleito de 2018 não prospere, ficando na memória apenas como uma dura lição aprendida.

Referências bibliográficas

ARENDRT, H. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

AVRITZER, L. *Impasses da democracia no Brasil*. Civilização brasileira: Rio de Janeiro, 2016.

- BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. A política de perto: recortes etnográficos de campanhas eleitorais. *Novos Estudos-CEBRAP*, n. 74, p. 177-194, 2006.
- BRENDER, Valerie. Economic transformations in Chile: the formation of the Chicago Boys. *The American Economist*, v. 55, n. 1, p. 111-122, 2010.
- CASTLES, Francis G.; MAIR, Peter. Left–right political scales: Some ‘expert’ judgments. *European Journal of Political Research*, v. 12, n. 1, p. 73-88, 1984.
- FEIJÓ, Ricardo. *Economia e filosofia na Escola Austriaca: Menger, Mises e Hayek*. São Paulo: Nobel, 2000.
- GAIO, André Moysés. O populismo punitivo no Brasil. *CSONline-Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, n. 12, 2011.
- LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. *Revista Serviço Social e Sociedade*, n. 124, 2015.
- O ANTAGONISTA. Joice x Gleise. São Paulo, 20 de Janeiro de 2019.
- REVISTA FÓRUM. Flávio Bolsonaro aposta que com o atentado o pai vence no 1º turno. Santos-SP, 07 de Setembro de 2018.
- ROMA, Celso. A institucionalização do PSDB. Entre 1988 e 1999. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, 2002.
- ROSS, Andrew S.; RIVERS, Damian J. Digital cultures of political participation: Internet memes and the discursive delegitimization of the 2016 US Presidential candidates. *Discourse, Context & Media*, v. 16, p. 1-11, 2017.
- SINGH, Robert. ‘I, the people’: a deflationary interpretation of populism, Trump and the United States constitution. *Economy and Society*, v. 46, n. 1, p. 20-42, 2017.
- SOZZO, Máximo. Populismo punitivo, proyecto normalizador y “prisión-depósito” en Argentina. *Sistema Penal & Violência*, v. 1, n. 1, 2009.
- VELASCO e CRUZ, S., KAYSEL, A., CODAS, G. *Direita volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Perseu Abramo, 2015.
- WEBER, M. *Economia e sociedade*. Volume 1. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.